



Línguas pluricêntricas em seu percurso histórico e na atualidade

Pluricentric languages in their historical path and nowadays

Jussara ABRAÇADO*

Maria Célia LIMA-HERNANDES**

Maria João MARÇALO***

O que imaginamos de sociedades é parte das dinâmicas dessa mesma sociedade. Imaginamos uma história para a pessoa que somos e a vamos construindo devagar como meta de vida a cada passo que damos, a cada atitude que aprendemos a tomar socialmente, a cada recusa que nos safa de prejuízos homéricos também. Vivem-se fragmentos do “eu” a cada nova projeção feita. E sentir-se parte de uma nação é compulsório porque se aprende a entender esse rótulo “nação” como a conexão que a todos vincula a uma geografia. Essa geografia é, pouco a pouco, complexificada nos ambientes escolares e compulsoriamente passamos a compreender que existe uma forma para essa nacionalidade, um mapa da localidade que aprendemos a chamar de pátria. A cada geração que passa a conviver, notamos uma percepção distinta dessa pretensa homogeneidade nacional. E como se fôssemos poeira, vamos nos movendo pelas ruas, bairros, cidades, estados e país. E vamos nos reconhecendo aqui e ali como parte de toda essa massa movente. Representando-nos, identificando-nos.

Nessa dinâmica, vamos performando algumas atitudes herdadas sem nos darmos conta de que muito do que julgamos repetir não está em sintonia com a forma como outras pessoas as representam em suas performances. Nesse sentido, raramente

* Doutorado em Linguística pela UFRJ. Professora titular da UFF. mjabracadoalmeida@id.uff.br

** Doutorado em Linguística pela UNICAMP. Professora titular da USP e pesquisadora do Instituto de Estudos Avançados - IEA-USP. mceliah@usp.br

*** Doutorado em Linguística pela Universidade de Évora. Professora associada com agregação da Universidade de Évora. mjm@uevora.pt

reparamos a permanência de tradições inventadas e ecoadas em narrativas cotidianas próprias. Só estranhamos o que se afasta sobremaneira de um centro egótico. Assim, há a convivência de algumas ideias ‘imperialistas’ com o modo local de representá-las, há a convivência de ideias ‘coloniais’ com o modo de as representar localmente, há a convivência de tradições locais com outros modos de as representar localmente. Também há o sentido inverso dessa lógica, o qual se faz notar com a migração de variados itens lexicais dos usos locais para a antiga “metrópole”, enriquecendo mais e mais o que se supunha fechado em si, hermético ao “exótico”, ao estranho. Essa dinâmica ingressa sorrateiramente nas línguas-culturas locais e, indelevelmente, nas línguas-culturas fonte da transplantação. Todas essas formas vincam usos e termos variáveis em contextos específicos de modo a enublar fatores de superdiversidade presentes.

E é assim que, neste século de revisionismos e reivindicações constantes, em que as línguas coloniais passam a compor um só bloco com as variedades nascidas nos países colonizados, vemos nascer o rótulo *pluricentrismo*. Mais democrático, mais inclusivo e mais pareado, seu significado permite pensar a língua portuguesa como uma língua de representações diversas e simultâneas, sem que uma forma se sobreponha à outra, nem que uma forma de realização e caracterização de uma seja avaliada como superior ou mais valorosa do que outra. Porém este ainda é um caminho em construção.

Atentemo-nos para o que foi dito pela escritora moçambicana, Paulina Chiziane, quando recebeu no dia 5 de maio de 2023, em Lisboa, o Prêmio Camões, do ano de 2021 (quando vivemos as contingências da pandemia Covid19). Tivemos oportunidade de ouvi-la alertar-nos para a necessidade de descolonizar a língua portuguesa, a fim de que a língua pudesse ser de todos que a usam. A primeira mulher moçambicana a publicar um romance disse, ainda, que aprendeu a escrever na areia. Essa falta de materiais de ensino e recursos de aprendizagem atinge atualmente vários dos países onde a língua portuguesa é língua oficial, assim escolhida depois da

independência desses estados soberanos em relação ao colonialismo de Portugal. Na verdade, a luta anticolonial dos vários países africanos coincidiu com a luta antifascista, antiditadura em Portugal. Esses combates pela liberdade deram frutos de modo sequencial: Portugal derruba o regime ditatorial e instala a democracia em 25 de abril de 1974 e, em 1975, os vários países colonizados foram declarando sua independência. Mas de que descolonização fala Chiziane no seu discurso? Refere-se à presença, em alguns dicionários, de definições colonialistas e racistas e até detratoras das mulheres. Se há racismo, ele manifesta-se também na língua.

O racismo – sabemos – é crime e, como tal, definições racistas devem ser erradicadas dos dicionários, que Paulina apelida de livros sagrados. Numa breve consulta a dicionários de Língua Portuguesa editados em Portugal, encontramos, no Dicionário da Academia de Ciências, a seguinte definição de *catínga*: *cheiro intenso e desagradável a suor*. Porém, em dicionários de datas anteriores a 1974, como é exemplo o Dicionário de Moraes Silva (DMS), *catínga* aparece como *cheiro desagradável da pele dos negros*. Outros exemplos dados por Paulina Chiziane foram as palavras “matriarcado” e “palhota”. *Palhota* aparece associada, entre outras, à definição de *habitação de negros em África* (DMS).

1 A forja de um novo olhar

A construção do Português como língua pluricêntrica está inegavelmente ligada aos chamados “descobrimientos”, iniciados no século XV. Já, Fernão de Oliveira, em 1539, na *Gramática da Linguagem Portuguesa*, fala das dicções novas, ou seja, dos novos vocábulos que começam a enriquecer a língua por via dos contatos com muitas e variadas gentes. Historicamente, os processos de invasão implicavam vivências difíceis em que prevalece a lei do mais forte. No Brasil, a Língua Geral foi proibida para que só o português fosse falado. Porém, é na coexistência de línguas e culturas em diferentes geografias que se permite o nascimento de diferentes centralidades

linguísticas. E é desta diversidade que nascem autores, como Paulina Chiziane que afirma pensar em bantu, mas escrever em português.

Na mais recente e também mais adequada perspectiva de se conceber a língua portuguesa como uma língua de representações diversas e simultâneas, sem que uma língua se sobreponha à outra, os laços étnicos ou sanguíneos não são fatores decisivos e validadores da fórmula equativa língua-nação. Tampouco se pode admitir, nessa abordagem, que pureza e hibridismo entrem em contraste. Perspectivam-se as línguas como um *continuum* gradiente em que a mobilidade das populações guarda uma correspondência com os ingredientes das línguas-culturas na exata medida de sua incorporação social. Nem sempre o que é avaliado como “puro” e etimologicamente associado revela-se procedente cientificamente. O nível das mesclas e hibridismos é tão alto quanto são baixos os níveis de consciência sobre isso.

Os países de língua portuguesa foram incorporando ao seu caldeirão de riquezas culturais – e ainda o fazem muito intensamente – todo e qualquer indivíduo que queira co-construir um país mais forte e todo e qualquer elemento cultural que possa ser acoplado em benefício mútuo. Esses movimentos assim como as dinâmicas de camadas imigratórias, em vários contextos/momentos e por motivações diferentes, continuam a mexer, rebuliçar o espaço, cavocando direitos e reconfigurando convivências.

O problema é que tudo se dá num nível de consciência que foge ao cotidiano dos confrontos e convivências. O resultado disso é que remanescem processos de rejeição de manifestações identitárias. São realidades que vão se acumulando nos vãos e nas vilas, os quais desenham os caminhos por onde as pessoas passam, esbarram-se, ignoram-se. Um dia, essa comunidade – como todas, costurada em seus retalhos diversos, descobre-se nação. Torna-se mais uma invenção imaginada por outro alguém com seus objetivos ali situados. Em outro dia, descobre-se insultada por ser quem é e, num outro momento, lado a lado, uma e outra consolidam-se como fios de uma mesma

trama histórica. Forja-se, assim, um termo apaziguador que ombreia as nações num mesmo idioma oficial: pluricentrismo linguístico.

2 A consciência do espaço superdiverso

A visão pluricêntrica do Português tornou-se mais um elo na grande discussão que se iniciou com a superdiversidade discutida por Vertovec (2007). Esse autor pensava numa resposta científica a essa dinâmica mundial que invariavelmente ressurge do fosso cultural justificado no binômio embate/acolhimento, envolvendo massas migratórias intensas. O lugar eleito para sua observação foi a Grã-Bretanha, que, no imaginário social, se considerava majoritariamente/maioritariamente “pura”. E Steven Vertovec (2007), pondo o dedo na ferida, argumentou que, em Londres, seria totalmente plausível repensar o modelo teórico derivado da unidimensionalidade e, assim, galgar um lugar privilegiado que permitiria a contemplação da real diversificação da diversidade. Isso implicava reparar que naquele espaço conviviam, ainda que a meias paredes, várias etnias e não somente dois conjuntos que se opunham.

Tentando mapear as multiplicidades de variáveis significativas que afetavam onde, como e com quem as pessoas viviam e conviviam, o autor elencou algumas variáveis de peso para a compreensão dos estatutos diferenciais da imigração: (a) direitos e restrições de direitos; (b) experiências de mercado de trabalho divergentes; (c) gêneros; (d) perfis de idade distintos; (e) padrões de distribuição espacial; e (f) áreas locais mistas em termos de provedores de serviços e de residentes. Lembremo-nos de que esses fatores raramente figuram lado a lado nos estudos da diversidade. A **interação desses fatores** é o que Vertovec entende como métricas localmente adequadas para a apreensão da "superdiversidade". Ele chega à conclusão de que a superdiversidade em Londres é endêmica. Boa parte das pessoas ali convivendo eram, na verdade, falantes de inglês de origem britânica, com ligações fortes com o período

colonial. Os resultados desse estudo nos fazem pensar na realidade das línguas portuguesas no mundo.

Outro conjunto de estudos que refinou os argumentos para se adotar o rótulo “língua pluricêntrica” surgiu longe da Linguística, mas deixou nela seus reflexos. Referimo-nos a alguns estudos realizados na Arquitetura e na Sociologia, dos quais emergem ideias que revigoram o conceito de Landscapes dinâmicas. É o que, no campo da Linguística, rotulamos de Paisagens linguísticas (Shohamy; Ben-Rafael; Barni, 2010; Santos; Faneca, 2020; Arnaut; Spotti, no prelo; Gorter; Marten; Mensel, 2012, dentre outros). São pressupostos desse modelo em sincronia: (i) mais pessoas migram de vários e diversos lugares; (ii) novas conjunções e interações de variáveis significativas surgem como meio de configurar padrões de imigração; e (iii) a conjunção da etnia com uma série de outras variáveis torna a comunidade superdiversa, demandando políticas públicas que atendam a essas novas composições, trajetórias, interações em suas necessidades de serviço público. Um volume inteiro desta revista (Melo-Pfeifer; Lima-Hernandes, 2020) foi dedicado recentemente a esse tema por meio da publicação de trabalhos alinhados com essa lógica, os quais vieram engrossar o caldo das discussões sob variadas perspectivas.

3 A força de dinâmicas sociolinguísticas

Na atual efervescência em que se encontra o mundo, com crises sociopolíticas e convulsões de toda ordem, alguns fenômenos de (des)valorização das línguas-culturas também verificados no século XX têm se evidenciado. Desses embates ou confrontos muitas vezes subliminares é que surgem discussões sobre fenômenos de atrição (Macwhinney, 1987, 2019; Lima-Hernandes; Teixeira; Silva, 2019; Lima-Hernandes, 2021). Parece natural que mais de uma cultura tentando se sobrepor à outra desemboque numa discussão acirrada sobre direitos de expressão. Daí, a transposição desse debate para a sala de aula, em que variedades e línguas co-habitam um espaço em que a norma é relevante.

Discussões variadas puderam ser incorporadas a esse tema e nos fizeram refletir sobre as formas didático-pedagógicas mais inclusivas (Meisel, 2006; Montrul, 2010; Nogueira, 2019; Zhang, 2022; Polinsky, 2008; dentre outros). Elas priorizaram espaços/sociedades multiculturais e multilíngues e sua relação com as línguas oficiais pluricêntricas, explicitaram a adequação/adaptação dos materiais dedicados ao ensino-aprendizagem considerando o respeito à superdiversidade em espaços pós coloniais (Santos, 2023; Pereira, 2023), focalizando a relação que envolve o poder das línguas co-habitantes, como é o caso de línguas majoritárias e de línguas de herança (Carvalhinhos; Lima-Hernandes, 2019; Komatsu, 2023), além da revisitação à superdiversidade de espaços pós-coloniais (Farneda, 2022; Mano, 2023). Em outras palavras, a combinação das noções de pluricentrismo e superdiversidade aplicada às línguas suscitou reflexões profundamente alinhadas às preocupações contemporâneas, ampliou perspectivas de atuação, fazendo com que a Linguística expandisse seu campo de reflexão para um espaço mais ainda inclusivo justamente porque revisitou seus rótulos mais cruciantes e arraigados ao campo da descrição de línguas e de linguagens, provendo-lhes de maior elasticidade para atender às dinâmicas nem sempre uniformes e padronizadas do campo de observação. O efeito não poderia ser outro que não a apreensão de realidades gradientes, complexas e superdiversas de um pretenso mundo “lusófono” uniforme e convergente em todas as instâncias de sua dispersão.

4 Da análise à síntese da dispersão

De acordo com Silva (2018, p.2), “Português, inglês, alemão, neerlandês, espanhol, árabe, suaili, mandarim, etc. são línguas pluricêntricas, no sentido, institucionalizado por Clyne (1992: 1), de que apresentam variedades nacionais, cada qual com a sua norma própria”. Como também assinala o autor, o pluricentrismo linguístico constitui um fenômeno generalizado, sendo todas as línguas, até certo

ponto, 'pluricêntricas', "na medida em que contêm variação dialetal e diferentes normas locais" (Silva, 2011, p. 13).

Como tem demonstrado a literatura especializada, o pluricentrismo linguístico não é uma categoria discreta: há línguas que são consideradas mais pluricêntricas do que outras, como é o caso, por exemplo, do Português em comparação com o francês. E a explicação para a existência de uma escala de pluricentricidade, em que o Português se situaria como uma língua mais pluricêntrica do que o francês, remete a um aspecto importante relacionado ao fenômeno em tela: o percurso histórico das línguas. Segundo Banza (2021), o ciclo da expansão da língua portuguesa, resultante do movimento das grandes navegações, teria deflagrado o processo que elevou o Português ao estatuto de língua pluricêntrica. Nas palavras da autora,

Tendo protagonizado o primeiro movimento expansionista europeu, a partir do início do séc. XV, os portugueses deram muito cedo início ao "ciclo da expansão da língua" (Castro 2006: 74ss), então na fase correspondente ao português médio (Cardeira, 2005), levando-a a três novos continentes, onde a impuseram, em diferentes condições e com diferentes resultados, enquanto, internamente, ela evoluía e se consolidava, atingindo um estágio já próximo do português actual (Banza, 2021, p. 4).

Como o Português, outras línguas, foram implantadas ou adotadas mediante processos de colonização ou de dominação política e, a partir de então, adquirido estatutos diversos de usos, como os de língua oficial ou cooficial, de língua nacional ou mesmo de língua franca, a depender do contexto de uso, o que desvela a outro aspecto igualmente importante¹:

¹ São esses contextos de uso que vão engendrar identidades de fala associados. Em contextos de convivência, solidariedade e sobreposição ou mesmo de antagonismo, o Português emerge, de dentro para fora (avaliação egótica) ou no reverso dessa lógica (avaliação heterossocial), como língua de herança, língua de acolhimento, língua materna, língua adicional, segunda língua, língua estrangeiras, dentre outros rótulos que melhor realizem perspectivas identitárias.

o pluricentrismo é só aproximadamente simétrico e mais frequentemente assimétrico, pelas inevitáveis diferenças de estatuto e poder económico, político ou cultural entre as variedades nacionais”. O pluricentrismo é, pois, um caso especial de variação linguística interna, marcado por questões de identidade e poder nacionais. Como refere Clyne (1992: 1), as línguas pluricêntricas tanto unificam como dividem povos (Silva, 2011, p. 13).

Embora as raízes históricas forjem importantes parâmetros para os estudos linguísticos sobre o pluricentrismo, outros fatores emergem na contemporaneidade: novas gerações de normas linguísticas e de processos normatizadores, frutos da revolução digital, surgem e expandem-se para línguas ágrafas e minoritárias que, até então, estavam alheias a tais processos (Auroux, 2009). Observa-se, portanto, que os fenômenos em tela estão em pleno desdobramento, carreando novos contextos e desafios para a pesquisa e o aprofundamento da reflexão sobre o pluricentrismo linguístico.

E como todo discurso se prende às ideias de seu tempo, este volume reúne textos que discutem o percurso histórico de línguas que, implantadas ou adotadas durante um processo de colonização ou de dominação política, tenham adquirido estatutos diversos de usos, dentre os quais, o de oficialidade, de co-oficialidade, o de língua nacional ou mesmo o de língua franca. Interessava-nos inicialmente jogar luzes sobre o efeito desse percurso, em interface com o atual estatuto na comunidade de fala, tanto localmente quanto nas relações com outros espaços ou comunidades. Obviamente, essa ideia inceptiva ganhou foco nas demandas das sementes discursivas que foram sendo semeadas ao longo dos últimos dez anos principalmente.

Tendo isso em vista, a revista **Domínios de Lingu@gem** abre mais uma interação que certamente provocará estudiosos a prosseguirem os debates sobre “Línguas Pluricêntricas em seu percurso histórico e na atualidade”. As contribuições aqui reunidas – de Jefferson Evaristo (com as questões ortográficas do português), de Jacicarla Souza da Silva e Amábile Piacentini Drogui (com o espanhol no Paraná), de Ana Maria Santiago e Amanda Balduino (com o português em São Tomé e Príncipe) e

de Giovana de Castro Marchese Rampini (com a identidade nacional em Moçambique) – permitem trazer à reflexão mais alguns contextos de superdiversidade decorrentes de contatos linguísticos presentes e pretéritos entre pesquisadores que se colocaram como instrumentos delineadores de relações sócio-históricas e objetos que nos permitiram trazer à consciência um mundo disperso, ainda que concêntrico, repleto de realidades difusas por descortinar.

Referências

ARNAUT, K.; SPOTTI, M. Super-diversity discourse. *In*: TRACY, Karen (ed.). **The International Encyclopedia of Language and Social Interaction**. Wiley Blackwell (Draft, in press).

AUROUX, S. **A Revolução Tecnológica da Gramatização**. Campinas, SP: Editora da Unicamp. 2009.

BANZA, Ana Paula (2021), Uma língua; muitas vozes: para uma política linguística pluricêntrica do Português, in: HABLER, G.; SCHÄFER-PRIEB, B. (ed.). **Contatos linguísticos na sequência da expansão portuguesa / Sprachkontakte im Rahmen der portugiesischen Expansion**. Berlin: Peter Lang Verlag, 2021. p. 15-32.

CARVALHINHOS, P.; LIMA-HERNANDES, M. C. (org.). **A casa, o sapo e o baú: português como língua de herança**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2019.

CLYNE, M. **Pluricentric languages**. Differing norms in different nations. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1992. DOI <https://doi.org/10.1515/9783110888140>

FARNEDA, E. S. **A Paisagem Sociolinguística e as Barreiras Culturais em Trinidad e Tobago**. Projeto de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2022.

PEREIRA, G. F. **Estudo intercultural sobre o refúgio/acolhimento e a aquisição/aprendizagem do português como língua adicional a imigrantes e refugiadas hispanofalantes**. Projeto de Pós-doutorado. São Paulo: USP/PROLAM, 2023.

GORTER, D.; MARTEN, H. F.; MENSEL, L. V. **Minority Languages and Communities**. Nova Iorque, Plagrave, 2012.

KOMATSU, P. E. K. K.. **Migração circular como fator de manutenção das línguas de herança entre descendentes de japoneses**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2023.

LIMA-HERNANDES, M. C. Escamoteamentos socioculturais e sociolinguísticos: políticas colonizantes e efeitos híbridos. **Cultura Latinoamericana - Revista de Estudios Culturales**, v. 33 (1), p. 33-52, 2021.

LIMA-HERNANDES, M. C.; TEIXEIRA E SILVA, R. Eurasian dynamics and paradoxes of their hybridity in Southern China. **DIADORIM (RIO DE JANEIRO)**, v. 21, p. 186-199, 2019. DOI <https://doi.org/10.35520/diadorim.2019.v21nEspa28571>

MACWHINNEY, B. Language Attrition and the Competition Model. In: SCHMID, M. S.; KOPKE, B. (ed.). **The Oxford Handbook of Language Attrition**. Oxford: The Oxford University Press, 2019. p. 7-17. DOI <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780198793595.013.2>

MACWHINNEY, B. The Competition Model. In: MACWHINNEY, B. (ed.). **Mechanism of Language Acquisition**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1987. p. 249-308.

MANO, A. H. **Para além deles e nós – a construção de identidades dos falantes de japonês como Língua de Herança e seus reflexos na Paisagem Linguística de Suzano**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2023.

MARTINS, A. S. S.; FANECA, R. M. O kamishibai plurilingue como impulsionador de aprendizagens e mediador da diversidade linguística. **Indagatio Didactica**, vol. 12 (3), julho 2020.

MEISEL, J. M. The bilingual child. In: BHATIA, T. K.; RITCHIE, W. C. (ed.). **The Handbook of Bilingualism**. Oxford: Blackwell, 2006. p. 91-113. DOI <https://doi.org/10.1002/9780470756997.ch4>

MELO-PFEIFER, S.; LIMA-HERNANDES, M. C. Paisagens Linguísticas: ideologias, discursos e práticas multilíngues nos espaços sociais. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 14, n. 4, p. 1024–1058, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/57128>. Acesso em: 5 fev. 2023. DOI <https://doi.org/10.14393/DL44-v14n4a2020-1>

MONTRUL, S. Current issues in heritage language acquisition. **Annual Review of Applied Linguistics**, v. 30, p. 3-23, 2010. DOI <https://doi.org/10.1017/S0267190510000103>

NOGUEIRA, P. de A. **Ele quase chegou perto. Er war knapp dran. Estratégias de imprecisão como recurso de enriquecimento cultural: contextos de língua inicial, língua adicional e língua de herança no bilinguismo português/alemão**. 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2019.

POLINSKY, M. Heritage Language Narratives. *In: Heritage Language Education: A New Field Emerging*. Routledge, 2008. p. 149-164. DOI <https://doi.org/10.4324/9781315092997-11>

SANTOS, M. M. S. **Português do Brasil como língua de herança**: o tratamento do Português de alunos brasileiros nas escolas Portuguesas. Relatório de estágio pós doutoral. São Paulo: USP, 2023.

SHOHAMY, E.; BEN-RAFAEL, E.; BARNI, M. (ed.). **Linguistic Landscape in the City**. Bristol/Buffalo/Toronto: Multilingual Matters, 2010. DOI <https://doi.org/10.21832/9781847692993>

SILVA, A. S. da. Introdução. Línguas pluricêntricas: variação linguística e dimensões sociocognitivas. *In: SILVA, A. S. da; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (org.). Línguas Pluricêntricas: Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas*. Braga: Universidade Católica Portuguesa, 2011. p. 13-24.

SILVA, A. S. da. Variação linguística e pluricentrismo: novos conceitos e descrições. *In: DÍAZ, M.; VAAMONDE, G.; VARELA A., CABEZA, M. C., GARCÍA-MIGUEL, J. M.; RAMALLO, F. (ed.). Actas do XIII Congreso Internacional de Lingüística Xeral*, Vigo 2018. 838-845.

VERTOVEC, S. Super-diversity and its implications. *Ethnic and Racial Studies*, 30, 1024-1054, 2007. DOI <https://doi.org/10.1080/01419870701599465>

ZHANG, X. **Evidências socioculturais e implicações identitárias na Paisagem Linguística do Chinês como Língua de Herança no Brasil**. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2022.